

Conversando a arquitetura.

*Entrevista com o arquiteto
Fred Burnett (São Luis/MA)*

Entrevista cedida por e-mail em maio/2006.

BananaStock

**ARQ 1101 – IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM – Sônia Afonso.
Gabriela Morais Pereira**

Maio / 2006.



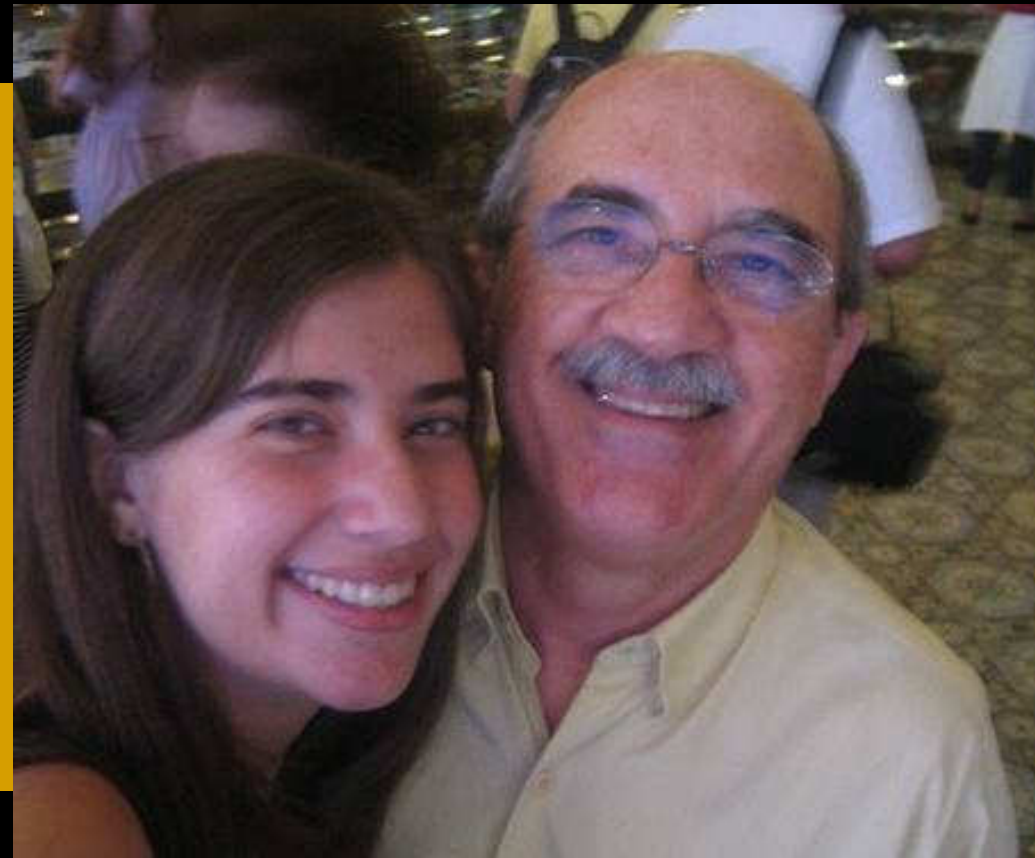
Conversando a arquitetura.

O arquiteto

Carlos Frederico Lago Burnett

Arquiteto, FAU, Universidade de Buenos Aires, Argentina, 1980.
Especialista em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Santa Úrsula, RJ, 1981.
Mestre em Desenvolvimento Urbano, UFPE, 2002.
Doutorando em Políticas Públicas, UFMA, 2005.

Professor titular do CAU/UEMA, sócio do escritório Burnett & Magela Arquitetos a 20 anos.



ARQ 1101 – IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM – Sônia Afonso e Carlos Burnett.
Gabriela Morais Pereira Maio / 2006.

O arquiteto e a filha Burnett, 2006.

Arquiteto

Atuação

Idéia

Método

Linguagem

Teoria

Conversando a arquitetura.

A conversa...

• *Quais áreas você mais atua e em quais cidades estão seus projetos?*

Residencial uni e multifamiliar, educacional, administração (pública e privada), cultural.
São Luís, Bacabal, Imperatriz, Caxias, todas no Estado do Maranhão.

ARQ 1101 – IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

Gabriela Moraes Pereira

–

Sônia Afonso.

Maio / 2006.

Arquiteto

Atuação

Idéia

Método

Linguagem

Teoria

Conversando a arquitetura.

•*Como você define a idéia na concepção criativa, como ela se manifesta? Como acontece o surgimento da primeira idéia? Existe alguma atividade que estimule sua criatividade para este surgimento, tais como criar um conceito para o projeto ou um elemento construtivo que irá nortear todo o projeto?*

Para mim, conforme o tema arquitetônico a ser resolvido, ocorre uma maior ou menor predominância da função sobre a forma; enquanto uma residência unifamiliar permite uma maior liberdade formal, o edifício multifamiliar ou comercial já traz determinado alguns parâmetros que lhe indicam os caminhos (talvez por isso, mas também pela questão das limitações do espaço interno destas edificações – vide Bruno Zevi –, alguns não os considerem arquiteturas!). São estas idéias que ajudam (ou atrapalham?) no início do processo, seguidas pelas questões do terreno,

acesso, insolação / ventilação, vistas e entorno construído ou natural, que vão responder pelo resto das decisões e ajudar na definição do projeto.

Do ponto de vista formal, existem sempre certos critérios ligados também aos temas e que se relacionam com questões de modulação, repetição de elementos e a questão do espaço interno. Explico: em uma residência, o espaço social e a cobertura aparecem como os elementos determinantes, enquanto em uma escola, a extensão das circulações e a área de vivência tomam o papel principal que vai determinar a volumetria e remete a repetição de elementos, e por aí vai. Claro que tudo isto é bem pessoal, mas já dizia Aldo Rossi, projeto é autobiográfico...

Conversando a arquitetura.

•Após as primeiras idéias como elas são transpostas para o plano físico? Você utiliza croquis, desenhos com régua ou a mão-livre ou parte direto para o desenho no computador?

Não trabalho com computador, apesar dos projetos serem representados em Autocad, somente nas fases de anteprojeto e projeto executivo, por um cadista que há anos nos acompanha e que entende de construção. Inicialmente, trabalho com croquis de volumetria e zonificação, nos quais a busca principal é a relação com o terreno e o entorno, além da questão forma-função. Normalmente, estes primeiros desenhos são sem escala, mas proporcionais, senão seriam inúteis para a relação entre os ambientes e com o terreno; para desenvolver os croquis, sempre utilizo previamente uma zonificação do programa de necessidades, tipo o que vai para a área social, para a área de serviço

e para a área íntima, por exemplo, o que me permite trabalhar com grandes blocos para composição funcional e volumétrica; somente quando começo a concordar com o resultado dos croquis, passo a fazer desenhos em escala, de reduzidas dimensões, a lápis com esquadro e régua paralela, para continuar entendendo o projeto e para as primeiras verificações e ajustes de dimensões e atender a legislação. Esta fase é importante para assegurar a permanência do que foi considerado essencial no partido arquitetônico, definido na fase de estudo preliminar. Dependendo do tamanho do projeto, a escala varia: uma casa pode ser escala 1:100, uma escola, 1:200, de preferência em papel A4, depois um arroz por cima e começa novo processo de desenhos a mão livre, rápidos e descartáveis. O resultado pode ser outro desenho em escala, sobre outro papel A4, mas aí já em um nível de maior compreensão do problema.

ARQ 1101 – IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

–

Sônia Afonso.

Gabriela Morais Pereira

Maio / 2006.

Arquiteto

Atuação

Idéia

Método

Linguagem

Teoria

Conversando a arquitetura.

•Nesses primeiros desenhos você desenvolve a idéia como um todo (fluxos, plantas, volumetria, detalhes, etc.) ou pela planta baixa?

Sempre evitamos levar muito adiante a planta baixa, sem a correspondência com a forma, mas em certos casos – das edificações multifamiliares, principalmente – onde o lançamento estrutural tem presença diferenciada em vários pavimentos (garagens, pilotis, plantas tipo, coberturas), acabamos por reforçar este aspecto da modulação e, conseqüentemente, da planta; afinal, a premissa da indústria da construção civil (pelo menos em São Luís, atualmente) é sempre chegar ao limite disponibilizado pela legislação e, dessa forma, a volumetria resulta de um prisma determinado pelo gabarito e perímetro máximos permitidos...

Por isso, volto a afirmar, não existe um padrão de método de projeto a priori – a planta baixa, ou o fluxo ou a volumetria ou o entorno, etc. –, mas sim um método de projeto que se flexibiliza frente a determinados tipos de temas: residência, edifício, escola, etc.

ARQ 1101 – IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

–

Sônia Afonso.

Gabriela Moraes Pereira

Maio / 2006.

Arquiteto

Atuação

Idéia

Método

Linguagem

Teoria

Conversando a arquitetura.

•Seu método de projeto inclui a elaboração de modelos tridimensionais para a verificação de insolação, volumetria e ou detalhes? Ou apenas perspectivas para a melhor compreensão do projeto pelo cliente?

Projetamos na periferia da periferia capitalista, onde projeto de arquitetura começou nos anos sessenta, e em um país de confusa delimitação entre as funções do arquiteto e do engenheiro (vide o imbróglio entre o CREA e o Colégio de Arquitetos), onde a concorrência ainda se dá pelo preço do projeto e não pela qualidade (e como medi-la? Como arte ou como técnica?), nem pelo tempo de elaboração dos projetos, como fazem os americanos. Por tudo isso, os honorários profissionais são reduzidos, o que obriga a reduzir o tempo do projeto e aumentar a quantidade de encomendas, limitando tudo que não seja imprescindível para materialização do projeto arquitetônico (o que muitas das vezes não chega a ser

nem o necessário para a obra!). As maquetes, quando são realizadas, têm a função promocional, seja para o poder público, seja para a iniciativa privada. Nunca fizemos uma maquete para estudo de volumetria e que nos levasse a modificar o projeto; nossa verificação se dá através da representação gráfica, isto é, fachadas e perspectivas. Não deixa de ser uma falha séria no processo de projeto, mas, apesar de algumas tentativas, não houve como implantar tal método no escritório. A idéia era ter um estagiário de arquitetura, com certa habilidade para maquetes que possibilitasse consolidar esta prática, mas não funcionou nunca. Acho que esta é, antes de tudo, uma falha de formação, pois ao passarmos pela faculdade sem tal exigência, é normal que ela não se justifique na vida profissional. Não podemos apenas lançar a culpa nos clientes nem no meio cultural, pois isto tudo é passível de transformação.

ARQ 1101 – IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

–

Sônia Afonso.

Gabriela Morais Pereira

Maio / 2006.

Arquiteto

Atuação

Idéia

Método

Linguagem

Teoria

Conversando a arquitetura.

•Tomando como definição para linguagem a forma de expressão própria de um indivíduo ou grupo, como você descreveria a linguagem que utiliza em seus projetos? Você possui uma característica própria, algo específico de seus projetos ou ela muda conforme o cliente? Você se identifica com a linguagem de algum outro arquiteto?

Apesar da relevância da questão formal para a arquitetura, a discussão sobre linguagem e estética quase nunca acontece onde deveria acontecer, isto é, na faculdade. Temos, então, mais um vício de formação que se perpetua na vida profissional. Trabalhamos como se a questão formal fosse algo que não se discute, chegando, no máximo, a questões ligadas à proporção. Tenho uma formação profissional que se iniciou nos sete anos em que vivi em Buenos Aires e se prolonga pelos quase 25 anos de São Luís, sendo muito forte a herança

modernista – em especial Le Corbusier – no que respeita à recusa de referências históricas e oposição ao pós-moderno, com admiração pela arquitetura de Louis Khan, Carlo Scarp. e Aldo Rossi. Agora, se são re-produzidas como influências em meus projetos, é outra questão, que talvez não caiba a mim identificar (Rodolfo Stroeter afirma que há significados no projeto que fogem à compreensão do seu autor, no que concordo com ele). Mas não creio que aja algo que me identifique, tal como a presença de uma característica própria nos projetos

ARQ 1101 – IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

–

Sônia Afonso.

Gabriela Morais Pereira

Maio / 2006.

Arquiteto

Atuação

Idéia

Método

Linguagem

Teoria

Conversando a arquitetura.

•Na primeira apresentação do projeto você utiliza um memorial figurativo ou descritivo? Você apresenta um conceito para o projeto ou apenas uma visão mais técnica e funcional?

Sempre tentamos compartilhar com o cliente a idéia ou conceito do projeto que nos orientou, pois isto nos parece importante para que haja uma compreensão da totalidade, evitando que detalhes assumam papel protagonista ou mesmo que mudanças possam comprometer o conceito. Também evitamos separar técnica de função, tentando articular na apresentação estes dois aspectos. Nos casos de obras públicas, em que a documentação exige o memorial, procuramos esclarecer estes pontos, importantes para quem vai executar o projeto; uma das poucas vezes em que utilizamos um memorial justificativo foi no projeto da sede administrativa do Sebrae-Ma, um raríssimo caso de concurso público aqui em São Luís.



ARQ 1101 – IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

Gabriela Morais Pereira

–

Sônia Afonso.

Maio / 2006.

Sede do SEBRAE/MA
Sebrae, 2006.

Arquiteto

Atuação

Idéia

Método

Linguagem

Teoria

Conversando a arquitetura.

•Em sua opinião, qual a importância de se versar sobre arquitetura?

Da mesma maneira que se diz que "Arquitetura se desenha", ela não pode se esgotar na construção, pelo menos para o meio arquitetônico. Vejo duas condições indispensáveis para o desenvolvimento de uma cultura arquitetônica: 1) a prática constante dos concursos públicos de arquitetura, onde os novos arquitetos podem influir e renovar a produção e 2) a crítica e o debate sobre o que tem sido feito. O patrimonialismo brasileiro tem impedido, até hoje, a consolidação da prática do concurso, reforçando cada vez mais a presença do "arquiteto oficial" – que, ao invés de revigorar, engessa a cultura arquitetônica –, e dos que gozam de bons relacionamentos com o poder político e econômico; quanto ao debate, não tem passado de circulação de

informações nas duas revistas de alcance nacional. A universidade se mantém muda e, cada vez mais, refém do mercado imobiliário e só para ele formando arquitetos. Como as discussões não acontecem no âmbito local ou mesmo regional, os centros mais ricos – internacionais e nacionais – acabam por ditar a "moda", seja por quem e para quem ela tenha sido produzida.

ARQ 1101 – IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

–

Sônia Afonso.

Gabriela Moraes Pereira

Maio / 2006.

Arquiteto

Atuação

Idéia

Método

Linguagem

Teoria

Conversando a arquitetura.

Uma oportunidade de desabafo....

"fiquei contente em saber que minhas aulas não caíram no vazio..."

"...às vezes me pergunto se está valendo a pena ficar tentando passar alguma coisa que a gente pensa que ajudará na profissão de vocês."

Entrevista concedida por E-mail no período de Maio de 2006.

Imagens

O arquiteto: site pessoal

Sebrae: www.sebraema.com.br. Acesso em maio 2006.